

A disciplina Tratamento de Materiais Especiais nos currículos de biblioteconomia

The discipline Treatment of Special Materials in the Library Science curriculum

MARYSIA MALHEIROS FIUZA *

Considera-se o conteúdo e a situação da disciplina Tratamento de Materiais Especiais nos currículos das escolas de biblioteconomia brasileiras. Sugere-se uma adaptação das funções de um programa de multi-meios estabelecido por Chisholm e Ely, com ênfase na seleção adequada dos materiais.

O estudo dos "media", denominação sofisticada para os materiais especiais que figuram nos acervos das bibliotecas, constitui ou deveria constituir parte importante nos currículos das escolas de biblioteconomia. Isto porque, se um dos objetivos da biblioteca é apoiar programas de ensino, de educação elementar, secundária, universitária ou continuada, a disponibilidade de materiais diversificados é fato imprescindível para tal fim.

Diversos estudos na área de estratégia ou tecnologia educacional, usando-se a terminologia mais mo-

* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

derna, advogam o uso, bem como a adequação dos novos meios para a consecução dos objetivos da aprendizagem. Assim sendo, a biblioteca precisa se preocupar com a existência e com o tratamento dos materiais especiais no seu acervo.

A ação do bibliotecário, com relação aos multi-meios, alarga-se, portanto, para outras áreas, além do simples processamento técnico. Os títulos dos livros e artigos mais recentes refletem esse estado de coisas. Esse fato vem influenciando até mesmo a nomenclatura das disciplinas dos currículos de biblioteconomia. Na Escola de Biblioteconomia da UFMG, por exemplo, a disciplina "Catalogação de Materiais Especiais" passou a se denominar "Tratamento de Materiais Especiais".

Espera-se que a mudança não fique somente no nome, mas que se reflita, também, no conteúdo dos programas.

Na qualidade de responsável pela disciplina *Tratamento de Materiais Especiais*, no último semestre, levantamos alguns pontos sobre os quais se deveria pensar na confecção de programas curriculares.

Os materiais especiais apareceram nas bibliotecas brasileiras, na sua maioria, por acaso. Às vezes, eram um material recebido em doação como propaganda ou em virtude de convênios, outras vezes um professor que se especializava no exterior e, entusiasmado com os novos meios, requisitava-os para sua disciplina; vezes ainda, surgiram como fruto da criatividade (ou da necessidade) de bibliotecários ou professores que recorriam a colagens ou desenhos para suprir a falta de material ilustrativo nas bibliotecas. Ao bibliotecário competia organizar esses materiais e apresentá-los aos usuários. Essa situação ainda perdura em muitas bibliotecas e, mesmo no que se refere à organização, muitas coleções não estão sendo utilizadas porque os

bibliotecários alegam falta de tempo ou de preparo para organizá-las.

Na sociedade moderna, porém, os meios de comunicação de mensagens se diversificaram enormemente e as pessoas, expostas a essa variedade, esperam encontrá-los nas bibliotecas e nas escolas. Os multi-meios passaram a ter uma importância muito maior nas bibliotecas, em termos de quantidade, de procura e sobretudo de adequação.

As funções do bibliotecário de multi-meios, por sua vez, se estenderam para o planejamento e administração das coleções e dos serviços. Chisholm e Ely (1) consideram funções de um programa de multi-meios:

1. Administração — planejar, estabelecer e manter as políticas e procedimentos para operação dos serviços.
2. Administração de pessoal — contratar, coordenar e supervisionar o pessoal necessário.
3. Planejamento — desenvolver um plano para ensino e aprendizagem que leve em consideração variáveis (tais como pessoas, conteúdo, método e os próprios "media") e as ordene de maneira sistemática. A finalidade é ajudar professores e alunos a atingir objetivos declarados, da maneira mais eficaz e eficiente.
4. Recuperação da informação — organizar o conhecimento e ordenar a informação em todos os formatos de maneira sistemática com a finalidade de torná-la disponível ao usuário.
5. Logística — arranjar a mecânica da aquisição, armazenagem, recuperação, distribuição e manutenção da informação em todos os formatos.
6. Produção — projetar e criar materiais de instrução.

7. Instrução — comunicar informação para audiências definidas.
8. Avaliação — examinar e julgar o valor, a qualidade e a significância dos meios e dos programas específicos.
9. Pesquisa — gerar e testar teoria: inquirição, exame ou experimentação com a finalidade de descobrir novos fatos ou sua interpretação correta.
10. Utilização — usar os multi-meios com a finalidade de atingir objetivos individuais ou de grupo.

Não se pode transportar “in totum” esse elenco de funções para o contexto de nossas bibliotecas. Porém, ele poderia servir de base para uma definição mais modesta e realística do que deveria ser abordado numa disciplina de Tratamento de Materiais Especiais.

As limitações com as quais o bibliotecário brasileiro tem que conviver, no que diz respeito à administração de serviços de pessoal e de verbas, já constituem assunto muito abordado e discutido nas escolas de biblioteconomia. Na disciplina referente a materiais especiais, seria necessário acrescentar tópicos que tratassem da qualificação necessária ao pessoal (bibliotecários e outros profissionais como fotógrafos, desenhistas, etc.) e discussão sobre alocação de recursos, lembrando que os materiais especiais não são somente complementos dos livros, mas têm seu valor próprio. Seria interessante, também, estudar propostas como a de Edelman (2) que, ao estudar uma metodologia para seleção em bibliotecas recomenda que, ao invés de se separar a verba total da aquisição por tipo de material (livros, periódicos, outros materiais, etc.) dividi-la de acordo com as necessidades e possibilidades em cada área de assunto.

Um último programa que precisa ser desenvolvido e que em nossa opinião, constitui a sua parte mais importante é a seleção.

Se a seleção de livros já exige do bibliotecário conhecimento e habilidades específicas, o que dizer então da seleção de materiais especiais em que a maneira de comunicação da mensagem varia de material para material?

Os manuais sobre o assunto insistem sempre nos critérios de seleção, baseados nas características físicas ou na competência do autor ou do produtor do material. Esses critérios são muito importantes, sem dúvida, e já devem ter sido observados no estudo da seleção de livros e periódicos.

O que, em nossa opinião, não vem sendo suficientemente examinado, tanto nos manuais, como nos programas, são critérios para escolha do tipo de material mais adequado para atingir os objetivos desejados. Isso envolveria a discussão do papel do bibliotecário no planejamento educacional ou da aprendizagem quando a coleção de materiais especiais se destinasse a apoio de programas formais e determinação de objetivos específicos quando se tratasse de atender a projetos de educação continuada ou de lazer.

Chisholm e Ely (1) defendem a participação do bibliotecário no planejamento educacional: "O bibliotecário encarregado dos "media" deveria se tornar, automaticamente, um membro da equipe do planejamento educacional. Como a pessoa que tem o conhecimento dos recursos e da maneira pela qual eles possam ser usados eficientemente, pode oferecer uma contribuição ímpar. Deve ser envolvido desde o início nos projetos e não como um requisito de última hora".

Na obra citada, esses autores apresentam um processo de seleção em quatro etapas: 1. elaboração de

objetivos; 2. determinação do domínio sob o qual o objetivo poderia ser classificado: cognitivo, afetivo ou psico-motor; 3. escolha da estratégia de aprendizagem apropriada; 4. seleção do instrumento adequado para a estratégia escolhida.

No nosso entender, não seria possível ou recomendável que, nos cursos de *Tratamento de Materiais Especiais*, se estudasse, em detalhes, o conteúdo das três primeiras etapas, que são objeto dos cursos de didática e metodologia do ensino. Porém, é muito importante que se discuta a etapa 4, isto é, a adequação dos diversos tipos de materiais especiais às estratégias de aprendizagem.

Muito mais se poderia falar sobre a importância do item — seleção — que, em última análise, corresponde as funções de planejamento, produção, avaliação e pesquisa indicados por Chisholm e Ely.

O processamento técnico, incluindo aquisição, catalogação, classificação e preparo para circulação, é o aspecto mais abordado na literatura e, ao que parece, nos cursos sobre o assunto. Os códigos de catalogação e os sistemas de classificação bibliográfica apresentam capítulos e rubricas especiais para os diversos tipos de materiais. Existem códigos e classificações especiais para alguns tipos e, no programa do Controle Bibliográfico Universal, criou-se o ISBD(AV) para os materiais audio-visuais. Seria necessário, entretanto, que se discutissem as alternativas para esses processos tradicionais de organização.

Por exemplo, quando se deve decidir pela integração da coleção total da biblioteca nas estantes ou nos catálogos? Em que casos a ordenação pelo número de registro substitui, com vantagens, a ordenação classificada? Para que tipo de material se justifica uma catalogação detalhada, nos moldes preconizados pelo

Código de Catalogação Anglo Americano? Quais as abordagens necessárias para os diversos tipos de material?

Com relação à aquisição dos materiais e seus respectivos equipamentos, não nos parece necessário o exame minucioso de listas de produtores e fornecedores, nem o estudo detalhado de equipamentos e acessórios, de vez que o mercado e a indústria se expandem e se modificam continuamente. Deve, entretanto, dar-se ênfase à necessidade de se conhecer o mercado produtor e fornecedor na *época* em que se processar a aquisição para determinar a sua qualidade, bem como verificação de preços e condições de pagamento.

As funções de instrução e utilização, próprias do departamento de referência, envolvem neste contexto um retorno às considerações feitas com relação à seleção. O bibliotecário de referência, agindo como intermediário entre o usuário e a coleção, precisa estar apto para indicar o material que melhor atenda às necessidades específicas detectadas nas entrevistas de referência.

A disciplina *Tratamento de Materiais Especiais*, no currículo da Escola de Biblioteconomia da UFMG, situa-se entre as disciplinas optativas. Gostaríamos de questionar esse posicionamento. As disciplinas optativas, como o nome indica, pressupõem uma opção no sentido de se especializar no assunto ou numa área específica. Na nossa realidade universitária, a oferta de disciplinas optativas é, porém, restringida por fatores diversos como disponibilidade de professores, exigências de carga horária e, até, limitação de espaço físico para salas de aula. O mercado de trabalho, por sua vez, não possibilita uma diversificação de empregos de acordo com especializações variadas. Os alunos das escolas de biblioteconomia, raramente, sabem, durante

o curso, onde e com que espécie de material irão trabalhar. Na maioria das bibliotecas, não há profissionais em número suficiente para se dedicarem a setores especiais. Portanto, se há evidência de que materiais especiais, além dos livros e periódicos, vão se tornando, cada vez mais, elementos essenciais dos acervos bibliotecários, não seria conveniente que todos os alunos cursassem uma disciplina que tratasse desses materiais?

Essas são as considerações que ocorreram ao terminar o semestre letivo. A melhor maneira de se elaborar um programa da disciplina exigirá maiores estudos e indagações. Outros professores, mais experientes no assunto, poderão contribuir, com maior eficácia e sabedoria, para o desenvolvimento da matéria. Justificamos, porém, a nossa intempestividade em relatar essas impressões, após somente um semestre lecionando a disciplina, pela necessidade de "malhar em ferro quente" ou seja, aproveitar a proximidade e o entusiasmo da experiência.

Contents of the discipline Treatment of Special Materials and its position on the Brazilian library schools curricula are considered. An adaptation of the functions of a multi-media program established by Chisholm and Ely is suggested, with emphasis on the selection of suitable materials.

BIBLIOGRAFIA

1. CHISHOLM, M.E. & ELY, D.P. *Instructional design and the library media specialist*. Chicago, ALA, 1979.
 2. EDELMAN, H. Selection methodology in academic libraries. *Lib. Res. & Techn. Services*. 23(1):33-38, Winter, 1979.
- R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 9(1):42-49, mar. 1980